



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO



Kennylma Giolanda Virgolino dos Santos

## **O TEMPO DE CADA UM**

Entenda sobre o desenvolvimento da criança no contexto escolar

Público alvo: pais e profissionais

Orientador(a): Prof. Dr. Carla Alexandra Moita Minervino

João Pessoa

2016

Kennylma Giolanda Virgolino dos Santos

## O TEMPO DE CADA UM

Entenda sobre o desenvolvimento da criança no contexto escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Carla Alexandra Moita Minervino.

Aprovado em: 08/11/2016.

### BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup>Dra.Carla Alexandra Moita Minervino (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba



Prof.<sup>a</sup>Ms.ÉmilleBurity Dias (Membro)

Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>2. AS DIFERENTES ÓTICAS SOBRE O “AMADUDERECER”.....</b>	<b>7</b>
2.1. <i>Quando estamos maduros?</i> .....	7
2.2. <i>A visão do amadurecer segundo a ciência, teóricos e a própria criança:</i> .....	10
2.2.1. Visão da Neuropsicologia e da Psicologia.....	11
2.2.2. Visão de Teóricos.....	13
2.2.3. Visão da criança.....	15
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>3. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....</b>	<b>17</b>
3.1. <i>A família</i> .....	17
3.2. <i>A escola</i> .....	20
3.2.1. Habilidades e objetivos a serem alcançados na educação infantil.....	20
3.2.2. Histórico do olhar sobre a educação infantil.....	22
3.2.3. Postura profissional.....	23
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>4. COMPREENSÃO DO SER: A CHAVE PARA O RESPEITO AO “TEMPO DE CADA UM”.....</b>	<b>26</b>
4.2. <i>Inversão de papéis - A criança protagonista que passa a ser coadjuvante</i> .....	26
4.3. <i>Diferenças entre crianças “inteligentes” e superdotadas</i> .....	27
4.2.1. Como trabalhar com as crianças inteligentes.....	29
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Bem, vamos lá! Assim como em qualquer outro contexto vou começar me apresentando. Meu nome é Kennylma Giolanda, tenho 30 anos de idade, além de filha, mulher, mãe e amiga, sou professora.

Estou na área da educação há 24 anos (Como assim? Você deve estar se perguntando) costumo dizer que nós professores começamos ainda criança nosso estágio, pois aos 6 anos eu ingressei em uma escola pública, a qual eu me mantive até o término do fundamental II e como estudante agreguei valores ao que no futuro se tornaria minha profissão e meu ambiente de trabalho.

Aos 14 anos de idade, quando estava concluindo esta fase, era vista pelas pessoas conhecidas como uma garota centrada e com o “maior jeitão” para lidar com crianças. Assim, fui convidada a lecionar em uma escola particular e desafiada a trabalhar com uma turma mista de crianças do fundamental I, que no total era uma turma de 12 crianças de diferentes faixas etárias, (SIM... aquele era o momento para desistir de vez da carreira acadêmica ou nela mergulhar de cabeça), e como tenho 16 anos de sala de aula, atuando como professora eu deixo claro que não desisti e sim que fiz um mergulho ao qual ainda me aprofundo.

Enquanto lecionava, tendo o prazer da prática diariamente, busquei a teoria que aos poucos embasava e dava sentido a tudo que me cercava no âmbito escolar. Cursei Magistério, fiz Licenciatura em Letras, me especializei em Supervisão e Orientação escolar e estou concluindo o Bacharelado em Psicopedagogia na Universidade Federal da Paraíba.

Durante esses anos como profissional, observei e vivenciei situações que me incomodavam profundamente e este livro eu considero fruto de uma inquietação específica que é o desrespeito ao “*tempo de cada um*”, onde pais e profissionais por não compreenderem o ser em sua totalidade, contribuíam para que fases fossem “puladas”, demonstrando que o desenvolvimento da criança, pode ser modificado e controlado, esquecendo que, tal desenvolvimento é natural, pessoal e único.

Agora, que vocês leitores me conheceram, vamos dar início a introdução:

O TEMPO PERGUNTOU PRO TEMPO.

QUANTO TEMPO O TEMPO TEM?

O TEMPO RESPONDEU PRO TEMPO,

QUE O TEMPO TEM O TEMPO, QUE O TEMPO TEM.

Trava-língua / domínio popular

Talvez você esteja se questionando sobre o que faz você lendo um livro que cuja introdução se inicia com um trava-língua. Bem, a ciência se debruça a entender as crendices populares que até virar ciência não passa de “um disse me disse”, isto significa que o domínio popular é algo que demonstra bastante sabedoria, merecendo nosso respeito e admiração. Portanto, ao se falar do valor do tempo o difícil é encontrar respostas, assim como nos mostra a sabedoria popular através desse trava-língua.

QUANTO TEMPO O  
TEMPO TEM?



O TEMPO TEM O TEMPO,  
QUE O TEMPO TEM!



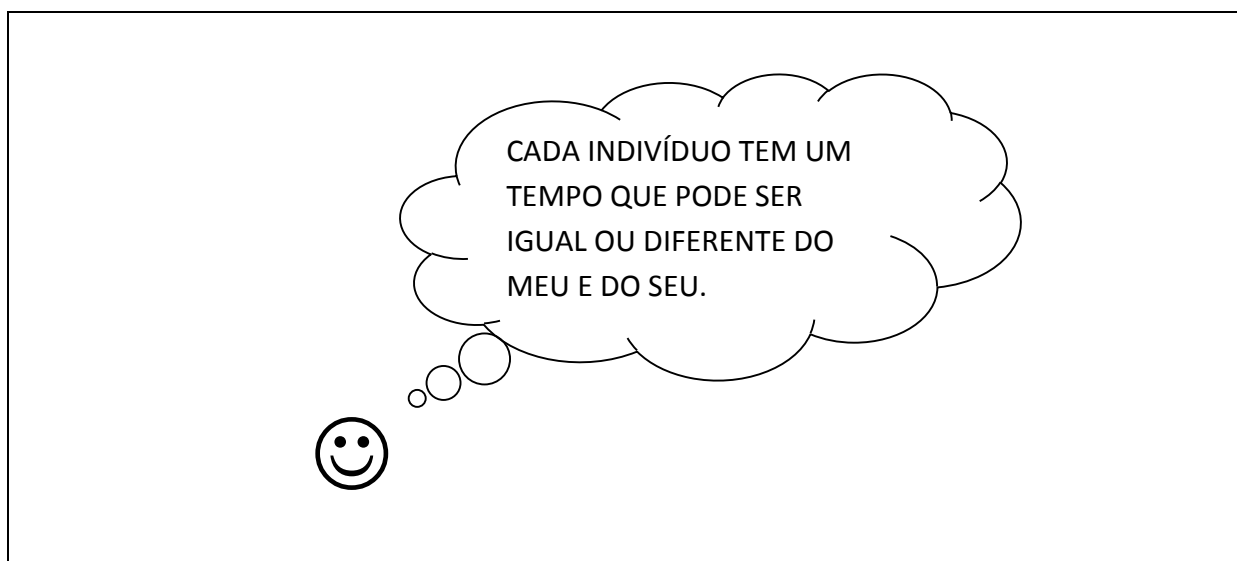
Se não é fácil definirmos o “tempo”, imagine o quão complexo e amplo seria falar sobre **O TEMPO DE CADA UM**, quando a vida nos mostra que cada indivíduo tem um ritmo diferente.

Desde pequenos escutamos dos adultos que existe tempo para tudo: *Tempo de brincar, Tempo de estudar, Tempo de aprender, Tempo de escutar, Tempo de esperar,*

*Tempo de plantar, Tempo de colher, Tempo de amadurecer.* Enfim, tempo para tudo mesmo!

Se fossemos elencar todas as possibilidades e aprofundarmos, certamente não daríamos conta de tudo, como o foco é o “amadurecer”, que está relacionado ao desenvolvimento, iremos parar por aqui.

Que tal refletirmos sobre o tempo de cada pessoa para executar as coisas propostas pela vida e em especial na escola? Trazendo a reflexão à maturidade de cada ser, o respeito a cada etapa, evitando assim a quebra de fases com o famoso “pular”.



Afinal, Cada série no âmbito escolar tem uma proposta a ser alcançada se tornando uma hierarquia de conhecimentos e exigências, que deve ser vivenciado pelo educando no seu transcorrer natural. Segundo a LBD, “A Educação Básica poderá organizar-se de diversas maneiras, com base na idade, na competência e em outros critérios, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar” (Freitas, 2003).

A proposta desse livro é tentar esclarecer aos pais e profissionais questões como sobre: Quando estamos maduros? Qual o olhar da criança sobre si? Qual a postura da ciência sobre a maturidade do indivíduo? Qual o papel da escola e da família? Qual a diferença entre uma criança “inteligente” e uma criança superdotada? E como se trabalhar com essas crianças “inteligentes”? E assim fazer com que o tempo de cada criança seja visto de forma singular.

## CAPÍTULO I

### 2. AS DIFERENTES ÓTICAS SOBRE O “AMADURECER”

Neste capítulo, faremos uma reflexão sobre o amadurecimento dos indivíduos no contexto escolar, trazendo a percepção da ciência, de teóricos e da própria criança sobre si.

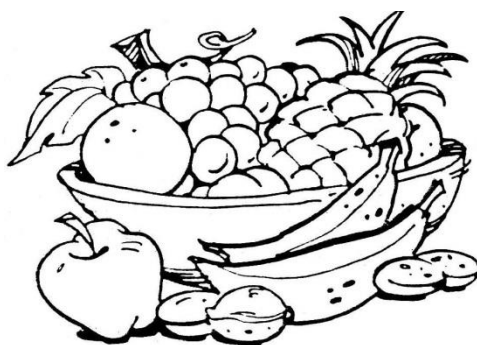
#### 2.1. Quando estamos Maduros?

Quando falamos de maduro, o que vem logo a sua mente?

Uma fruta ou legume que passou do estado de verde para maduro?

Sabemos que o momento exato de saborear uma fruta é quando ela esta madura e então pronta para ser consumida.

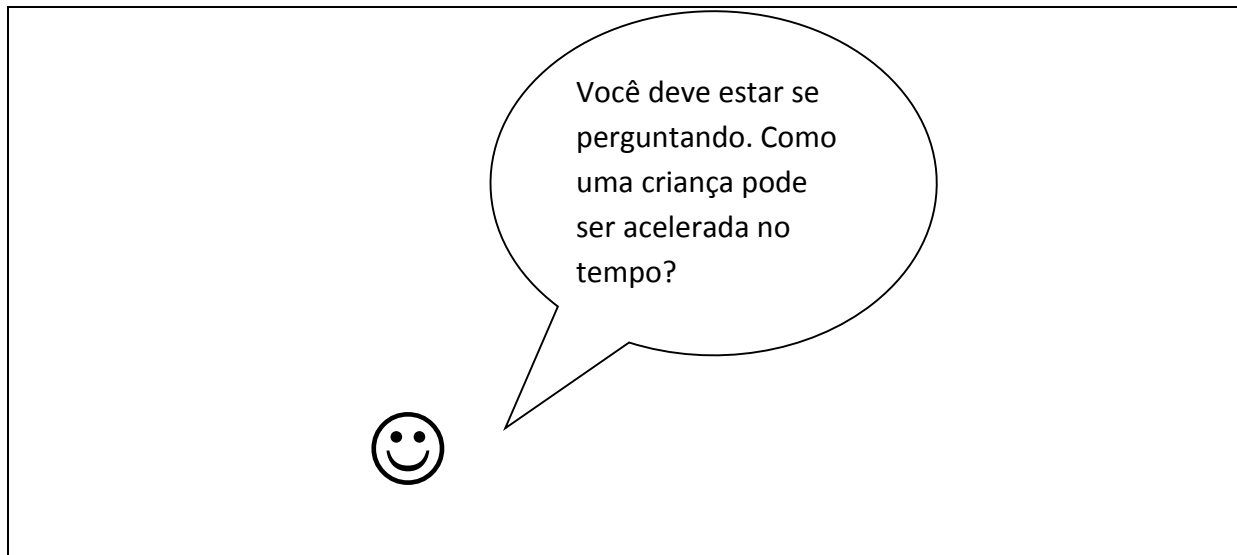
Naturalmente uma fruta tem seu tempo de amadurecimento e cabe a nós consumidores respeitar esse tempo e esperar com paciência para adquirirmos algo de qualidade. Muitos aceleram esse tempo utilizando meios para chegar mais rápido ao objetivo que é o amadurecimento, e devemos nos questionar se tal fruta modificada nos trará o mesmo benefício e satisfação que uma outra fruta naturalmente nos proporcionaria.



Fonte: <http://azcolorir.com/cesta-de-frutas-para-colorir>

Essa mesma situação por qual passa uma fruta, acontece com as crianças. A diferença é que quando aceleramos o processo de amadurecimento de uma fruta com produtos químicos estamos nos prejudicando, pois, iremos consumir e no caso de uma criança quando é “acelerada no tempo” o único prejudicado é ela mesma, pois talvez não irá adquirir

maturidade pelo simples fato de ter sido acelerada. Ferreiro afirma que as fases de alfabetização devem acontecer de forma regular, uma seguida da outra, de maneira hierárquica. (Ferreiro, 1990; 1993, citado por Gonçalves 2007).



No contexto escolar isso é bastante comum nas séries iniciais, as crianças pulam as séries por aparentarem ser mais inteligentes ou até mesmo por familiares da criança, acreditarem que a mesma ganhará um ano ao se formar mais cedo.

Fazer com que a criança avance, não significa que ela irá amadurecer e o amadurecimento é indispensável para a aquisição da aprendizagem. Afinal estar maduro quer dizer pronto para assimilar e compreender. Segundo Santos (2009), o ser maduro é sinônimo de experiente, consciente, observador, ou seja, fruto que está no ponto, pronto para consumo. Esse consumo, podemos remeter ao estar preparado para adquirir conhecimentos e vivenciar situações de exigências mais específicas.

Tudo que aprendemos parte do nosso querer pessoal. Então, devo aprender a cozinhar porque preciso comer, devo aprender a dirigir porque preciso me locomover, devo me manter atualizada para ser uma pessoa informada e assim sucessivamente. Com a criança não é diferente, ela precisa de um significado para despertar o interesse, ler, para quê? Aprender os números, para quê? Conhecer a natureza, para quê? E só a maturidade irá dar esse significado para a aprendizagem.

Imaginemos! uma criança quando nasce ela está “verdinha”, a cada dia se torna intencional suas atitudes, percebe-se que está ocorrendo o amadurecimento, então, a criança mais velha/ mais madura já consegue demonstrar significado nas suas atitudes e não apenas a intenção de fazer. O tempo que esse processo leva, depende do tempo de cada ser, não é



preciso adiantar nenhuma etapa, somos seres cognoscentes, somos capazes de conhecer, e vivemos em constante processo de aprendizagem e logo as etapas serão alcançadas naturalmente.

De acordo com experiências vividas em sala de aula, acredito que o ser está de fato maduro, quando entre o pensamento, a fala e a ação do sujeito está havendo coerência, tornando suas atitudes conscientes. E assim pronto para lidar com as propostas de cada etapa da vida. No contexto escolar é comum ver pais influenciando uma criança pular de fase por mil motivos, seja eles imagináveis como: meu filho é muito inteligente e deve ser superdotado e motivos imagináveis como: irei poupar o pagamento de um ano de escola e ele entrará mais cedo na universidade.

Ver pais influenciando, não é tão abalável pelo fato de que são “leigos” nos danos que causam a criança, agora ver profissionais aconselhando, isso sim é algo que abala, pois a pergunta é “Que critérios foram utilizados pelo profissional? - O aluno pergunta de mais. – Questiona muito. – Sempre compreende com facilidade e logo perde o interesse da aula e fica “atrapalhando” o andamento da aula.

A questão abordada de fato não é a quantidade de inteligência de tal criança que está pulando de série ou até mesmo entender a que está relacionada a inteligência, que a torna aparentemente num nível superior. Mas sim a maturidade para enfrentar essa série com crianças mais velhas, com grau de dificuldade maior nas atividades e exigência redobrada.



**Refleta comigo a seguinte situação:**

*Imaginemos que uma criança de 4 anos está vivenciando uma fase de descobertas, onde o foco principal é a brincadeira, na escola o lúdico faz parte do dia a dia fazendo com que essa criança aprenda brincando.*

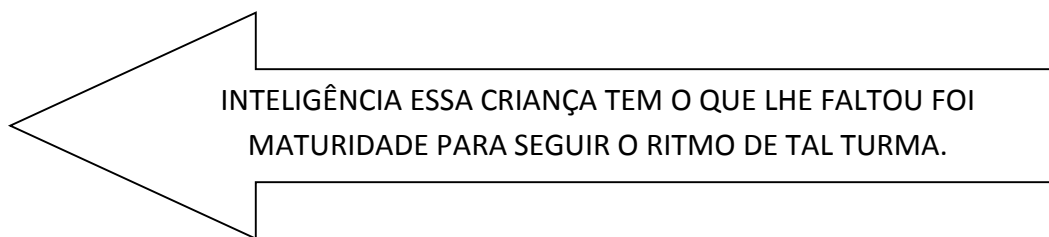
*A mesma demonstra grande desenvoltura e habilidades para o aprendizado, já conhece as letras do alfabeto e até junta para formar sílabas.*

*Seus pais são leitores fluentes e sempre estimularam demais essa criança, porém, ao compará-la com outras crianças da mesma idade percebiam que a inteligência dela era superior aos demais e decidiram pular a série que antecede o 1º ano que é chamada em algumas escolas de Infantil V ou Pré – Alfabetização.*

*Assim, aos olhos dos pais, essa criança não perderá tempo, ao contrário, ganhará um ano, pois, concluirá os estudos mais cedo e conseqüentemente entrará na faculdade mais cedo também.*

*No 1º ano, essa criança é mais jovem do que as demais (um ano apenas? Você deve estar se questionando e eu te digo que um mês já é o suficiente para em muitos casos percebermos a diferença de maturidade, 1 ano é tempo demais!!! PODE ACREDITAR) . Enquanto ela quer brincar, desenhar, pintar, e fazer outras atividades lúdicas as exigências do 1º ano batem a sua porta, com textos, copias e leituras.*

*A criança antes ativa começa agora a se cansar, a achar a escola chata e cansativa, a professora só cobra e as atividades se multiplicaram. Ir para a escola não é mais tão legal como antes, pois ela ajudava os coleguinhas nas tarefas e agora ela não sabe, mas nem resolver as suas próprias atividades. Tornando-se uma criança insegura, retraída, chorona, desmotivada.*



Com esse exemplo fica claro que uma criança esta madura quando aquilo que esta vivenciando tem sentido para ela, motivando-a a buscar e conseqüentemente a conquistar.

## 2.2. A visão do Amadurecer segundo a Ciência, Teóricos e a própria Criança

Todo indivíduo desde o nascimento até a morte vive em constante aprendizado, não há um limite de idade para ocorrer aprendizagem, nós humanos somos capazes de aprender sempre, mas o aprender se dá de maneira evolutiva.

Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. (Hamze, 2009).

O processo de leitura será utilizado como exemplo para o entendimento da evolução da aprendizagem. Sabemos que o simples fato de manusear um livro nos primeiros meses de vida balbuciando ao virar cada página e ao ver cada gravura, já é considerado uma interação

com o mundo da leitura, realizando o que chamamos de leitura não convencional, porém, de fato quando iniciamos o aprendizado formal, iniciamos conhecendo as letras e seus sons (grafema e fonema), depois juntamos as letras e formamos sílabas, juntamos as sílabas e formamos palavras, com as palavras construímos frases e finalmente com as frases elaboramos um texto. Isso é considerado uma hierarquia do processo de leitura e escrita. Assim também ocorre série após série, onde os conhecimentos irão evoluindo com mais exigência e dificuldade.

Segundo Jorm, citado por Speroni 2010, inicialmente o processo de leitura é guiado pela expectativa do leitor, através, do que está escrito no papel, sendo assim, visto como um processo que ocorre de cima para baixo. Consequentemente no decorrer do processo, o conhecimento de mundo, da linguagem e dos sinais é utilizado pelo leitor para captar quais informações estão contidas na leitura a ser feita.



## **LETRA – SÍLABA - PALAVRA – FRASE - TEXTO**

### *2.2.1. Visão da Ciência ( Neuropsicologia e Psicologia)*

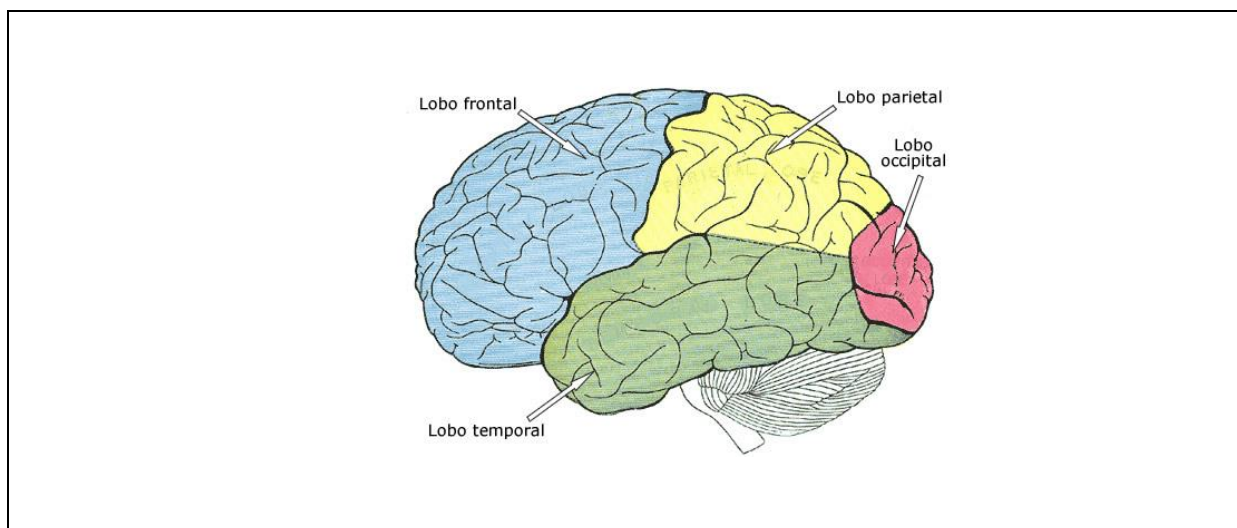
Ao educador o estudo das bases neurais da aprendizagem é algo indispensável para que haja compreensão das características físicas e comportamentais e entre elas a inteligência dos alunos. Portanto, Atualmente, nenhum profissional comprometido com a área de educação deixa de considerar a influencia da herança biológica (genótipo) como também da herança sócio-histórico-cultural (ambiente; meio ambiente) (Pinheiro, 2007).

Vamos agora refletir de acordo com a Neuropsicologia, nossos neurônios são cobertos por bainha de mielina que envolve uma parte do axônio tornando as transmissões de informações mais rápidas que são chamadas de sinapses, esse processo ocorre gradativamente em nosso cérebro que é dividido em occipital, parietal, temporal e frontal.

A mielina é uma substância lipo-protéica produzida por certos tipos de gliócitos; estas células se enrolam em torno dos axônios, formando uma bainha isolante de mielina que, entre outros, contribui para aumentar a velocidade de propagação do impulso nervoso, atribuindo maior eficiência na transmissão da informação. Dessa forma, o processo de mielinização tem uma relação direta com a aprendizagem (Pinheiro, 2007).

A parte frontal segundo estudiosos é a parte responsável pela a aprendizagem e tal parte é a última a ser mielinizada, os neurônios são mielinizados inicialmente ainda na gestação (sexto mês de vida intra-uterina), e continua pós nascimento até por volta dos 24 anos, (Reed, 2005), quando posteriormente o ser humano vai perdendo essa bainha de mielina e neurônios vão sendo descartados, por isso os idosos tem mais dificuldade na memória e na aquisição do novo.

Segundo Pinheiro 2007, tal morte neural recebe o nome de apoptose e nela se admite que as perdas são necessárias ao bom funcionamento e à sobrevivência do organismo, sendo considerado algo benéfico. Porém, a apoptose excessiva pode resultar em doenças como Alzheimer e Parkinson, ou seja, demência progressiva e irreversível, dada pela a perda de cognição e da memória. (Horta; Young, 1999).



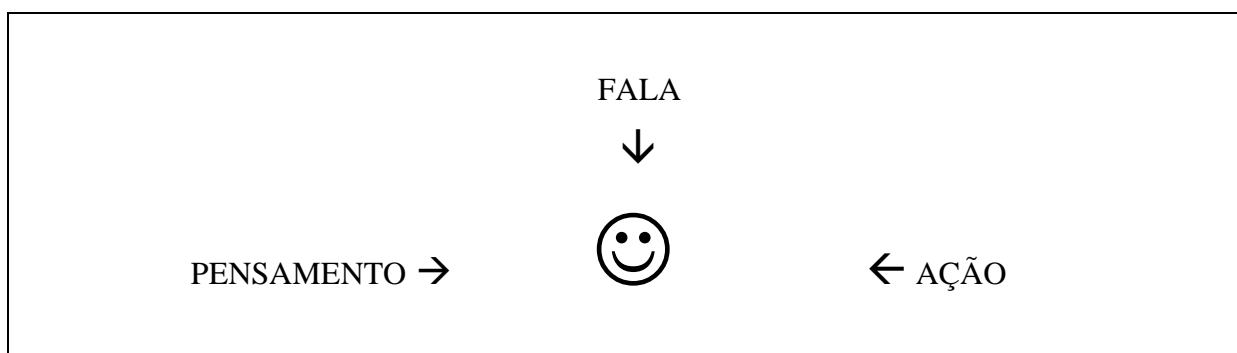
Fonte: Infoescola Navegando e Aprendendo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/anatomia-humana/lobos-cerebrais/>

É necessária essa explicação científica para que possamos entender que não é a toa que é estipulada uma idade para cada série, por exemplo, uma criança deve estar sendo alfabetizada por volta dos seis anos, pois é nessa idade que esta havendo a mielinização na parte frontal, favorecendo o amadurecimento cerebral nas áreas motora, cognitiva e emocional para adquirir a leitura e a escrita. De acordo com Rose (1984), É fundamental que os neurônios estabeleçam conexões entre si, pois somente a partir da formação das redes neurais torna-se possível o aprendizado. Para ela, a expressão a “aprendizagem depende de sinapses” é muito significativa, de modo que busca enfatizar que não basta apenas ter neurônios; por mais especializado que ele seja enquanto célula, isoladamente não é nada.

Quando crianças chegam mais novas nesse período de alfabetização (1º ano do ensino fundamental) pode não ocorrer a aprendizagem da maneira esperada por pais e profissionais, e quem sofre é a criança que está sendo pressionada e cobrada por algo que seu corpo não está preparado para apresentar.



Já para a psicologia a maturidade não está relacionada com a idade cronológica e sim com o estado mental, pois, é uma questão de atitude, ou seja, quando a pessoa apresenta uma coerência ao pensar, falar e agir com convicção sem eventuais contradições. Sabemos que o ser se desenvolve em várias áreas como: motora, emocional e cognitiva, porém, nem sempre ocorre o amadurecimento de forma integral em todos os aspectos dessas áreas. Portanto, a criança pode não corresponder ao que está sendo cobrado pelo fato de uma das áreas ainda não ter amadurecido tanto quanto as outras.



### 2.2.2. A Visão de Teóricos

Com base em vários teóricos renomados, **Jean Piaget** nos apresentava com as fases do desenvolvimento (*sensório – motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal*). Este autor divide os períodos do desenvolvimento de acordo com a complexidade do pensamento (Bock, Furtado & Teixeira, 2001), e **Emília Ferreiro** nos traz as fases da leitura e

escrita (*pré-silábica, silábica, alfabética e alfabética ortográfica*). Esta autora afirma que existe uma lógica individual na construção do conhecimento da leitura e da escrita, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela (Ferrari, 2011). (Ambas as fases se encontram em ANEXO I).

É perceptível a importância da teoria aliada à prática, portanto, se faz necessário entendê-las em paralelo e respeitá-las acima de tudo, nos tornando capacitados com referenciais consolidados, tanto para a prática na docência, como para o acompanhamento familiar. Existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, próprias de cada faixa etária. Portanto se faz necessário estudar o desenvolvimento humano para conhecer as características comuns de uma faixa etária (Bock, Furtado & Teixeira, 2001).

Jean Piaget depois de observar o desenvolvimento de crianças concluiu que todos nós passamos pelas quatro fases citadas anteriormente seguindo a mesma ordem. Assim como ninguém passa num passe de mágica dos ingredientes para o bolo pronto sem antes passar pelo modo de preparo, também são as fases que passa uma após outra.

O mesmo destaca que o desenvolvimento das operações mentais depende de um meio rico de estímulos. Em que se torna valioso um ambiente adequado e propício para a criança desenvolver suas potencialidades, favorecendo assim não só seu crescimento físico, como o emocional e o social.

O que nos leva a refletir é que Jean Piaget contribui grandemente para a compreensão do sujeito em desenvolvimento, deixando claro que o estímulo do meio favorece ainda mais a aprendizagem, portanto, encontrar uma criança em determinada série com habilidades superiores aos colegas com a mesma idade cronológica não significa necessariamente inteligência “superior”, mas talvez uma criança fortemente estimulada, que vive em um ambiente adequado ao desenvolvimento de suas potencialidades. O tempo necessário para a criança avançar cada uma das etapas é muito variável e singular. Portanto, se faz necessário respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais lento não significa que ela seja menos inteligente do que as demais. Outra noção que se torna importante é saber que o aprendizado não é provocado apenas pela escola, mas também pela própria mente das crianças que trazem consigo conhecimentos prévios. (Ferrari 2011).

Em paralelo ao que Piaget nos traz sobre desenvolvimento, maturidade e cognição. Encaixamos as fases da leitura e escrita de Emília Ferreiro, confirmando que a estrutura mental deve estar pronta para adquirir determinados conhecimentos e que o processo da leitura e escrita exige conhecimentos anteriores para que avance. Ainda segundo Ferrari (2011), de acordo com mecanismos expostos por Piaget, o processo de conhecimento por

parte da criança deve ser gradual, sendo que para cada avanço cognitivo é necessário que haja assimilação e reacomodação dos esquemas internos da mesma.

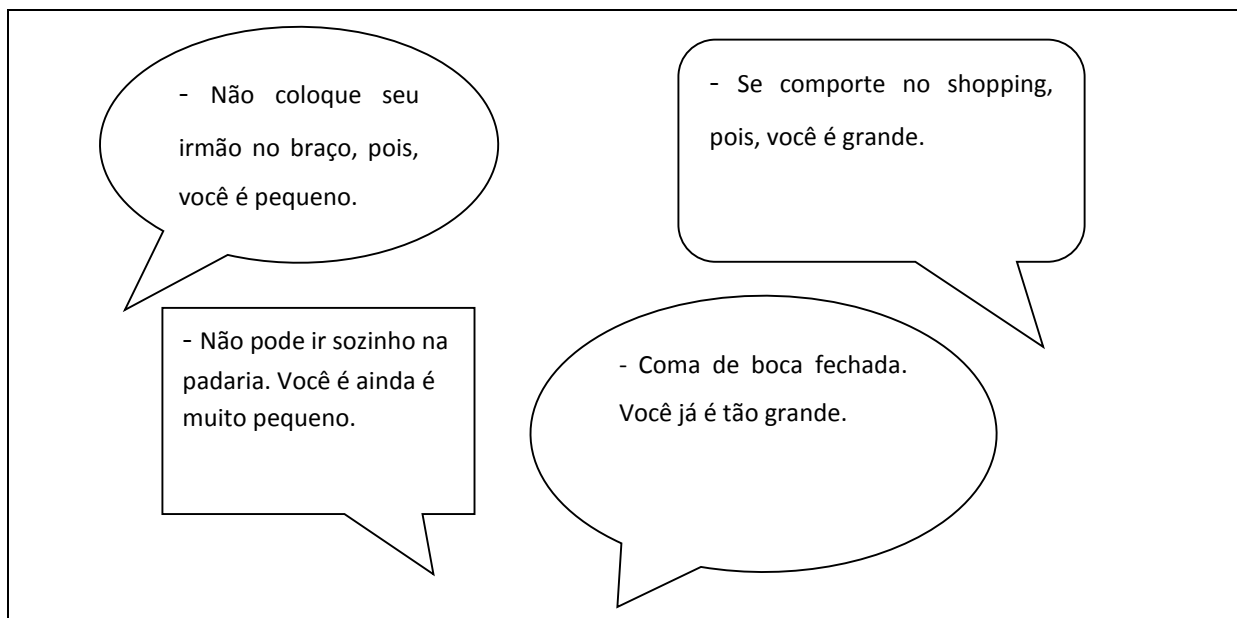
Assim as fases nos mostram o quão complexo e amplo é aquisição da leitura e escritas associadas ao processo de maturação do indivíduo, que aparentemente mostra ser algo simples e fácil de atingir.

*"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa". (Emília Ferreiro).*

Ao ler essa frase de Emília Ferreiro sobre a importância de seres pensantes e não reprodutores de meras técnicas, onde a alfabetização trará um novo olhar sobre a vida enchendo-a de significados, nos faz refletir sobre o quanto é necessário a aprendizagem significativa.

### 2.2.3. A Visão da Criança

Quem nunca se questionou se é grande ou pequeno? Lógico que todos nós em diversas fases da vida nos questionamos a respeito de nossas capacidades, afinal, é comum desde a infância escutarmos falas como:



E assim, nossa cabeça fica aquela confusão, hora somos grandes e hora somos pequenos. ***Acredito que seremos grandes, diante do que acreditamos ser capazes de fazer, e pequenos nos momentos que desistimos sem lutar.***

A criança desde os primeiros dias de vida busca explorar o ambiente externo, o que lhe proporciona uma interação com o meio, favorecendo, a aprendizagem. Vygotsky afirma que as crianças se desenvolvem através de interações estabelecidas com outras pessoas, ou seja, ele ressalta a importância da interação social e da cultura para a aprendizagem, sendo assim a criança é capaz de modificar a si e aos demais (Almeida, 2013). Portanto, percebemos que a criança se desafia a todo o momento em busca do conhecimento. O desejo é sempre tocar, pegar, sentir e manusear tudo em sua volta sem muitas vezes ter noção do risco que corre.

Todas essas tentativas de exploração positivas ou não favorece o amadurecimento do ser tornando-o crítico, afinal, só poderá opinar sobre algo depois de conhecê-lo. Assim passará a se auto conhecer também, tendo suas preferências e se posicionando diante das propostas.

A criança aos poucos, de acordo com o amadurecimento, começa a perceber que certas atitudes provocam nos outros satisfação, e fazer alguém feliz a satisfaz. Assim busca com frequência repetir tais atitudes para criar essa ampla satisfação em sua volta. Saber as letras do alfabeto em suas diversas formas não é algo esperado para uma criança de três anos, se ela consegue e percebe que os pais a fazem mostrar aos outros com orgulho, ela passará a se perceber como capaz, inteligente e quem sabe até superior, reforçando assim, tal comportamento.

Não vejo como negativo esse sentimento que a criança se apropria de se mesma, pois, acredito que deve ser ressaltado em cada indivíduo o que a de melhor nele. Porém, o que me preocupa é quando essa criança percebe que não é capaz de fazer algo e que em nem tudo ela é excepcional. Afinal, nós adultos temos consciência que teremos habilidades para umas coisas e para outras não, diferentemente das crianças.

A criança que cursa uma série que condiz com sua idade cronológica, mas que por diversos fatores avança intelectualmente em relação aos colegas de turma se ver como colaboradora, capaz, importante, dominadora da situação.

Porém, quando tal criança pula uma série encontrando inúmeras dificuldades começa a se perceber como incapaz, como mais uma dentro da sala de aula, como uma pessoa que não pode contribuir e assim, passa a demonstrar que perdeu o controle da situação.



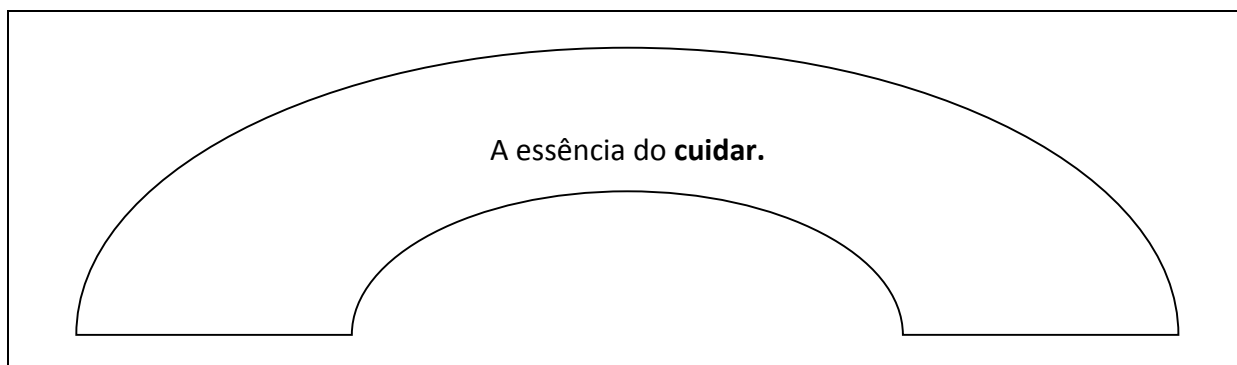
## CAPÍTULO II

### 3. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Agora iremos discutir sobre a importância da família e da escola para o desenvolvimento da criança, como também atitudes que respeitem o “tempo de cada um”.

#### 3.1. A Família

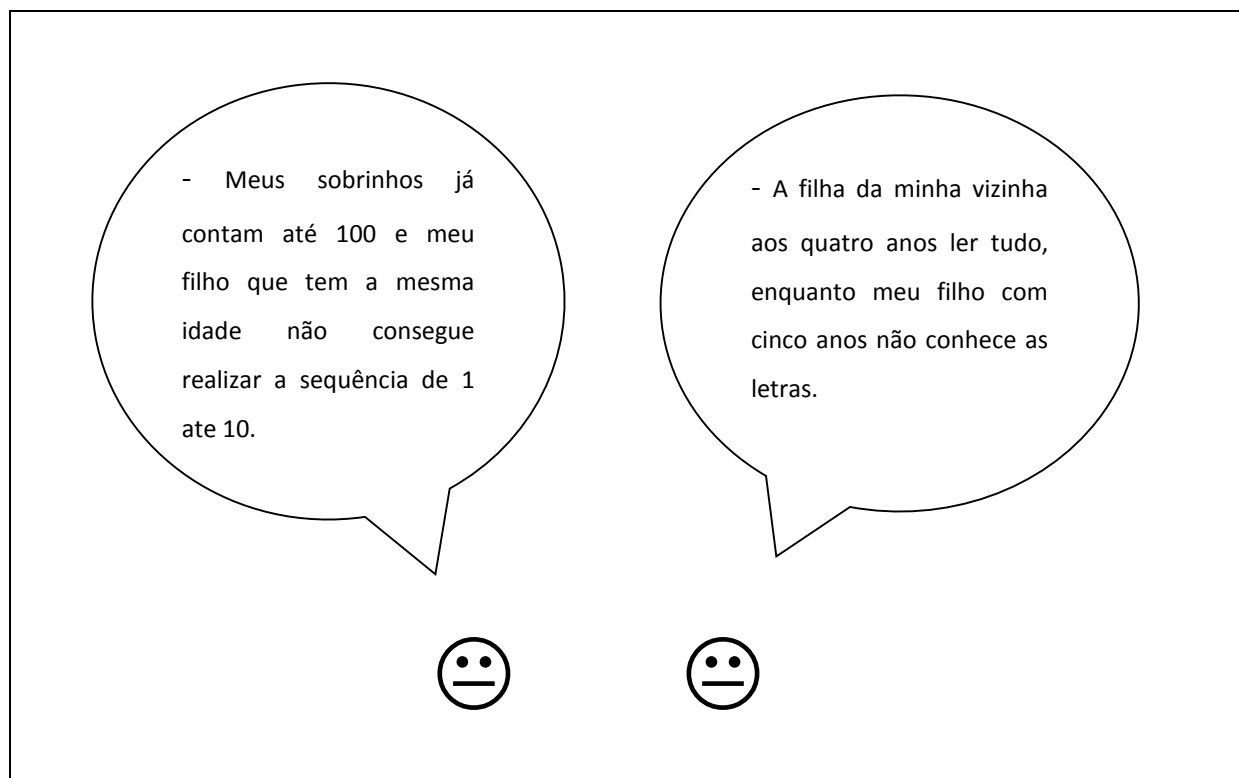
É um grupo de pessoas. Este grupo pode ser imenso ou bem pequeno, afinal, a partir de dois integrantes já é considerada uma família. O interessante é que ao longo dos tempos as famílias se modificaram aparentemente, porém a essência continua a mesma.



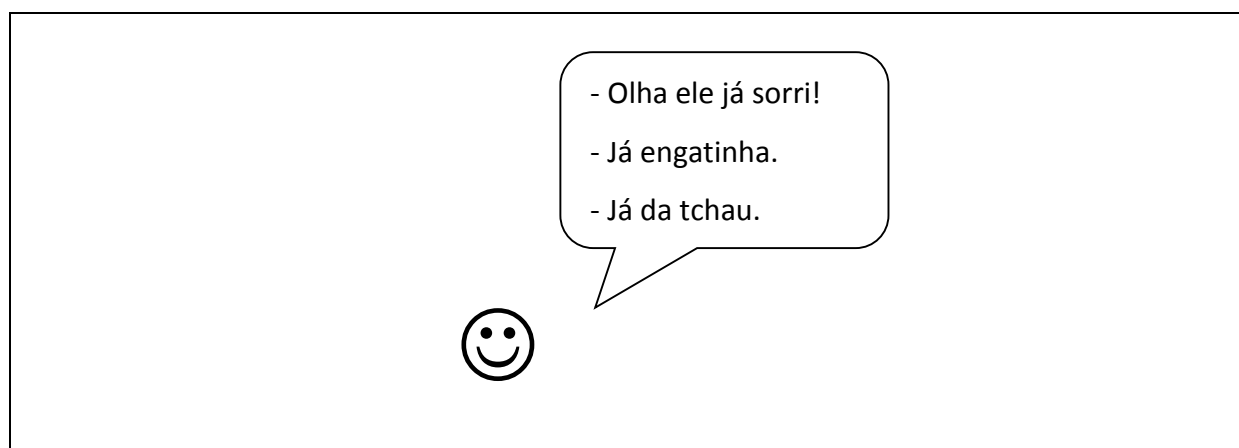
E com essa essência típica da família a maioria idealiza ter como integrantes os filhos, sejam biológicos, adotados ou agregados. E quando esses pequenos chegam para integrar determinada família geralmente é imposta a adequação aos costumes e tradições já existentes. O que a família muitas vezes esquece é que também irá se adequar a nova situação e ao ritmo do mais novo integrante e esse ritmo nem sempre é respeitado.

Pensando na sociedade atual onde as pessoas são influenciadas pelas outras vivendo em função de agradar um e outro, vemos a família incessantemente buscar agradar outras famílias como também se basear nelas. E muitas vezes moldam os componentes da família para se adequar ao que os outros veem como “normal”, importante e aceitável.

Assim, no decorrer dos dias nos deparamos com as seguintes indagações:



Esses e outros questionamentos são comuns entre as famílias, o que as mesmas buscam é padronizar os comportamentos, pois o interessante é mostrar o que o filho já consegue fazer, isso acontece desde os primeiros dias de vida do filho.



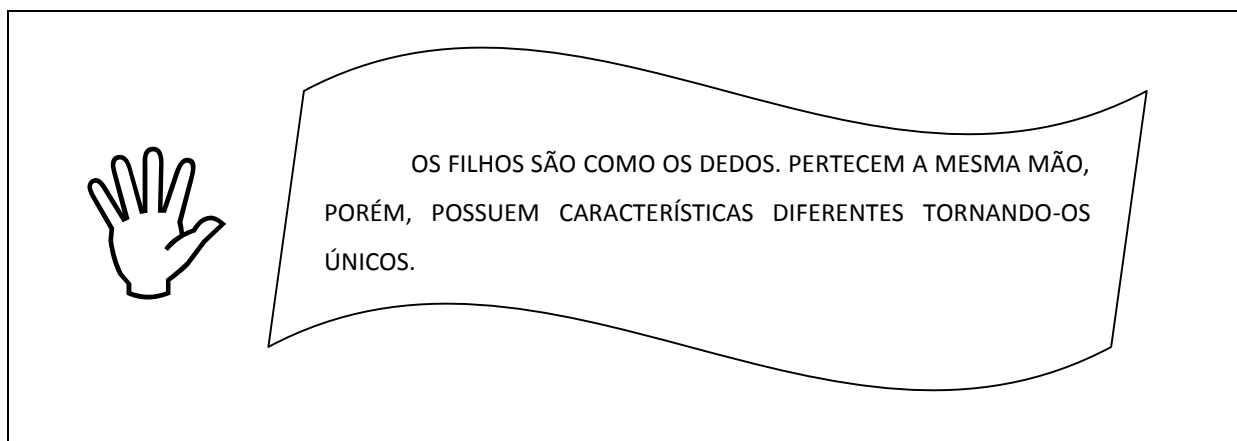
A família tem um papel muito importante para a criança desde cedo, com a missão de observar o desenvolvimento para que se necessário possa acontecer uma intervenção profissional. Afinal, é o no contexto familiar que se iniciam as aprendizagens básicas que irão subsidiar o desenvolvimento escolar, por isso, o desenvolvimento da criança deve ser algo central neste ambiente (Casarin, 2007). O tempo de cada criança deve ser respeitado, mas se uma criança demora muito para apresentar um determinado comportamento como, por

exemplo, ainda não anda aos dois anos e nem apresenta iniciativa algo de errado está acontecendo, agora porque o bebê da vizinha andou aos 9 meses não quer dizer que seu bebê também tem que andar aos 9 meses ou caso contrário ele é anormal.

Lógico que não precisa conhecer cientificamente o que cada criança consegue fazer em determinada idade, para saber o que já deve estar fazendo ou não, a experiência de alguém da família que já teve filhos ou conviveu com crianças irá ajudar a deduzir o que mais ou menos em cada fase a criança possivelmente deverá estar fazendo, porém, vimos anteriormente que alguns autores se baseiam em fases e em determinadas idades mais não determinam que vai acontecer um comportamento impreterivelmente em determinada idade, pois sabem que se tratando de humanos não há nunca certezas absolutas.

Portanto objetiva-se aqui, trazer a reflexão de pais e profissionais “**que cada ser tem seu tempo**”, o que uma criança consegue fazer aos 3 anos, não será obrigatório que aconteça com todas as crianças para serem consideradas normais.

Anteriormente foi citado que essa comparação acontece muito entre famílias, mas também acontece dentro da própria casa quando pais comparam os filhos, pois se questionam como filhos da mesma família e com a mesma criação podem ser tão diferentes, e quando um profissional questiona a esses pais como são criados seus filhos, respondem: - Todos são criados da mesma forma com a mesma intensidade de rigidez e exigência, carinho e atenção. E o erro dos pais está justamente em criar os filhos da mesma forma, afinal, os filhos são seres diferentes independentes de serem da mesma família, cada um tem seu tempo e suas diferenças individuais o que caracteriza cada ser como único.



Quem é mãe e pai, ou até mesmo irmão sabe que entre três ou quatro filhos terá características e personalidades diferentes, uns se mostram mais dependentes outros não, uns mais carinhosos outros mais rípidos.

Torna-se necessário reafirmar a importância da família para o desenvolvimento da criança, que é bastante amplo em relação ao observar, propiciar momentos de interação e estimulação diária, contudo, sempre valorizando e ressaltando o que a criança já consegue fazer, respeitando o seu tempo e suas limitações. Segundo Sukiennik (1996), citado por Casarim (2007), a família desempenha a tarefa de orientar a criança com o intuito de favorecer o seu crescimento pessoal e aprendizado no contexto social, sendo considerada uma estrutura protetora e mediadora. Familiares, vejam cada filho como único em todos os aspectos e não busque receitas prontas que te digam como deve agir, se aproprie de conhecimentos, mas crie situações de aprendizado e avanço da maturidade de forma espontânea e saudável, sem que seu filho se sinta cobrado a dar aquilo que seu corpo e mente não estão preparados para dar.

### 3.2. A Escola

A escola é um espaço propício e preparado para mediar o processo de aprendizagem, nela a interação é um ponto marcante, na qual a diversidade cultural favorece trabalhar questões além dos conteúdos pré-estabelecidos, como: os valores, a troca de experiências e costumes, tornando os alunos seres pensantes e reflexivos. Entende-se a escola, como sendo um contexto multicultural e diversificado do desenvolvimento e aprendizagem, onde as interações são contínuas e complexas, proporcionando a construção de conhecimentos e laços afetivos entre pessoas com características diferenciadas (Ferreira & Barreira, 2010)

Portanto, quando matriculamos nosso filho em uma escola, sabemos que o mesmo irá conviver com outras crianças parecidas ou não, que será observado por outras pessoas e que terá que corresponder uma série de exigências. As vezes a criança antes mesmo de entrar na escola já demonstra um vasto conhecimento, que pode ser explicado de diferentes maneiras, é muito estimulado pelos pais, porque tem irmãos mais velhos que interagem constantemente ou porque assiste programas educativos.

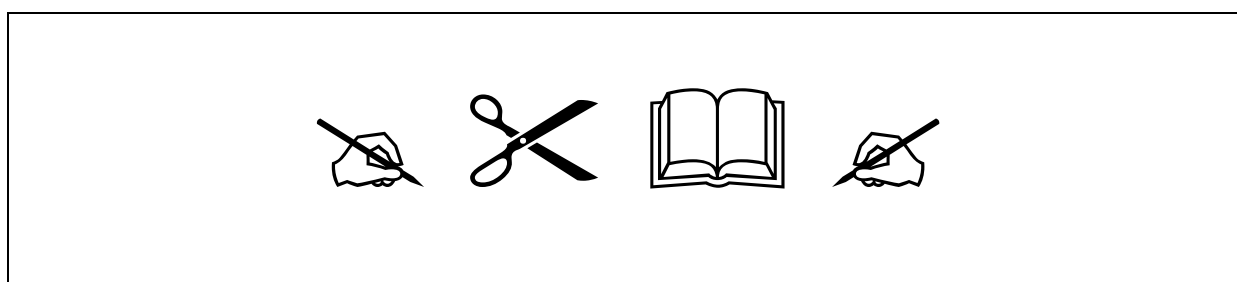
O fato é que as habilidades e os objetivos que são trabalhados na escola vão além desses estímulos, pois não foca em um aspecto apenas, mas sim na totalidade do indivíduo. Assim se torna interessante conhecer que habilidades e objetivos são esses que meu filho devia (se já passou da educação infantil) ou deve atingir ao entrar na escola.

#### *3.2.1. Habilidades e objetivos a serem alcançados na educação infantil*

Sabemos que existe exceções quando se trata de pessoas, seres humanos são imprevisíveis e talvez você esteja pensando naquele seu sobrinho ou vizinho que foi

adiantado e deu “tudo certo”. Sim não é algo impossível uma criança ser alfabetizada aos quatro anos de idade, o que devemos pensar é se tal aprendizado tem algum significado para essa criança e se tal imposição é necessária quando se deveria está sendo trabalhados outros aspectos como lateralidade, valores e também o lúdico que é uma estratégia pedagógica para facilitar a aquisição da aprendizagem.

Constantemente professores recebem crianças no 1º ano com dificuldades em segurar no lápis, em manusear a tesoura e em rasgar papel, habilidades estas que deveriam ter sido exploradas mais na educação infantil para o fortalecimento da coordenação motora e outras habilidades.



Na educação infantil existem infinitas metas a serem alcançadas em diversas áreas, como: *Identidade e autonomia; Natureza e sociedade; Movimento; Linguagem oral e escrita; Linguagem matemática; Expressão musical e Expressão artística.* (ANEXO II)

Como dizer que a fase da Educação infantil com tantos objetivos e metas a serem alcançados não tem importância?

No que se refere especificamente à escola de Educação Infantil, a LDB 9394, em seu art. 29, afirma que as finalidades desse nível de ensino são “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996).

Assim, a escola deve buscar articular o conhecimento às experiências dos alunos, priorizando sempre atividades voltadas ao desenvolvimento e à aprendizagem, sendo um ambiente preparado com uma estrutura física adequada, organização previas de conteúdos e metodologia que respeitem as características evolutivas do aprendiz de cada faixa etária, (Ferreira & Barreira, 2010).

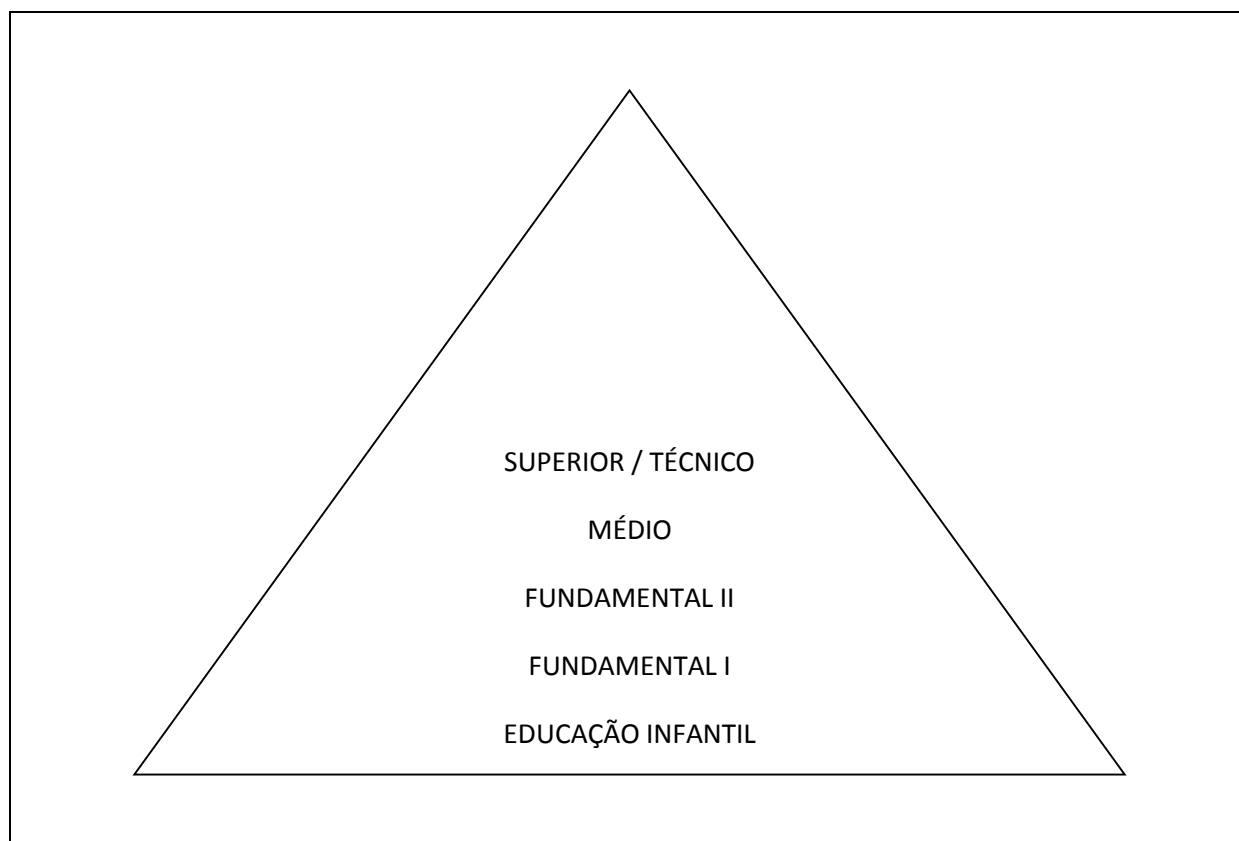
“Cada criança é um mundo dentro do universo escolar, que trás consigo histórias que jamais devem ser descartadas, mas sim associadas ao aprendizado”.

O papel da escola é propiciar um ambiente estimulador, que torne os alunos seres reflexivos e não meros reprodutores de conhecimento. Que tenha profissionais preparados, comprometidos e assertivos no tocante a criança, sendo sensível as limitações de cada criança, respeitando as particularidades e abrindo portas para o conhecimento.

### *3.2.2. Histórico do “Olhar” para Educação Infantil*

A educação infantil ganha seu espaço a cada dia, mais até pouco tempo atrás era vista como um Depósito de crianças para mães que buscavam trabalhar fora de casa e não tinha com quem deixar seus filhos.

Se observarmos historicamente a educação escolar, iremos perceber que a mesma foi pensada de “cima para baixo”, ou seja, a preocupação do governo e estudiosos sempre foi em valorizar e pesquisar sobre os cursos superiores, técnicos, ensino médio e fundamental, seguindo tal ordem. Já a educação infantil é uma fase abordada e estudada há poucas décadas.

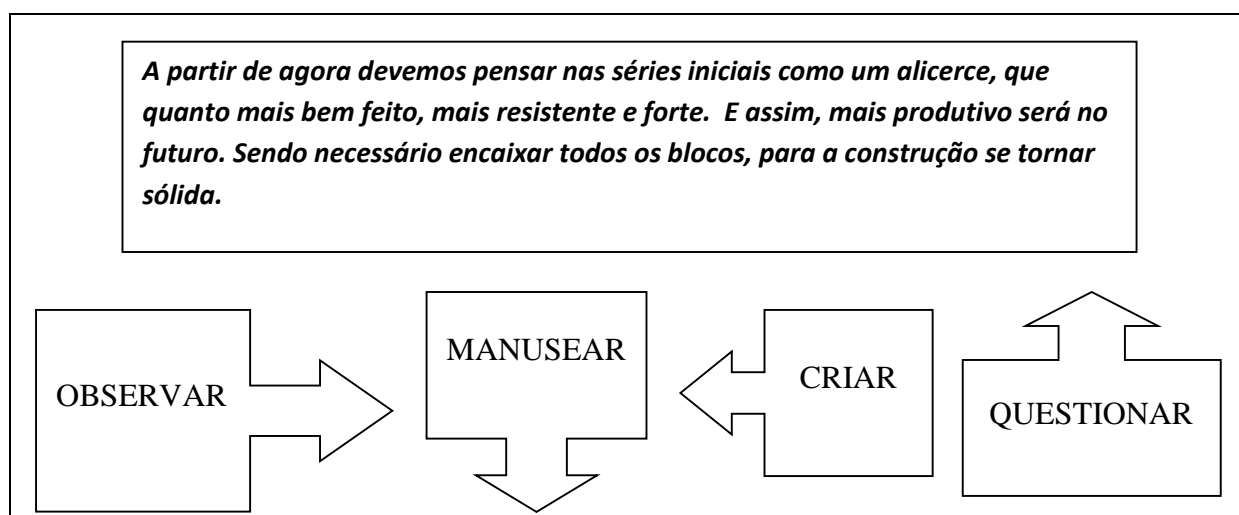


É tanto que há maioria dos adultos nos dias atuais foram alfabetizados em casa por algum parente que os preparavam para ingressar na escola, o que reforça a tese de que qualquer pessoa podia exercer tal tarefa e que de qualquer forma as crianças poderiam ser alfabetizadas.

Enquanto os profissionais que lecionam no nível superior são bastante exigidos a respeito da formação acadêmica, os profissionais da educação infantil durante anos bastavam ser criativos e carinhosos com crianças, sem exigir de fato formação profissional.

Portanto, o olhar para educação infantil vem sendo ampliado e já podemos afirmar que refletir sobre o processo de alfabetização é ter a consciência de que o ato de ler e escrever apesar de parecer algo simples é bastante complexo e ao mesmo tempo fascinante onde se percorre um mundo de magia e encantamento com seriedade.

Hoje a realidade é bem diferente, pessoas passam anos estudando e se aprimorando para tornar esse processo infantil significativo, cada jogo e brincadeira são feitos para atingir objetivos, é brincando que se aprende e a criança não tem que ver a aprendizagem como algo imposto e sem significado, mas sim como algo satisfatório e importante.



### 3.2.3. Postura Profissional

No decorrer do livro a questão da maturidade infantil sempre é trazida à tona, com o intuito de refletirmos sobre o que a permeia, pois nos meus 16 anos de experiência vivenciei esse “pular de série”, com mais frequência na educação infantil, foram raras as vezes que vi uma criança do fundamental pular uma série. Talvez pelo olhar para a educação infantil, ainda como uma fase sem muita importância.

Tanto os pais como os profissionais que permitem esse “pular de série” veem a educação infantil como algo irrelevante podendo ser vivenciado ou não pela criança, na concepção deles isso vai depender da necessidade da família. E se a criança entrar na escola

ainda na educação infantil tanto faz a idade se é com 1, 2 ou 3 anos ou se vai cumprir a hierarquia imposta pela escola das séries ou não.

Assim, como as outras etapas do âmbito escolar a educação infantil deve ser levada a sério e respeitada, principalmente por nós profissionais que abraçamos essa causa, levando aos familiares a segurança do nosso trabalho com informações concretas e verídicas baseadas em teorias consolidadas.

O professor deve ser um bom observador e pacientemente dar “tempo ao tempo”, nada de se precipitar e com “achismos” induzir a uma situação errônea. Ao invés de incentivarmos a quebra de fases, devemos conscientizar a importância de cada etapa, se não o que faz você professor, dentro de uma sala de aula ministrando conteúdos que considera irrelevantes? Pois, isso é o que você mostra aos familiares, quando incentiva a prática do “pular”. E se você ao ler, estiver me retrucando que sua preocupação é com o aluno que iria se sentir desmotivado em sua sala de aula. Gostaria de lembrar que não somos habilitados para diagnosticar crianças com inteligência acima da média e ainda por cima dar a cura para o problema sugerindo que avance. Bom professor não é aquele que só desempenha sua função diante do “normal”, mas sim aquele que abraça os desafios e enxerga possibilidades para trabalhar com o “diferente”.

Diante do compromisso profissional com firmeza e seriedade dificilmente encontraremos pessoas que iram dar palpites sobre como devemos agir no âmbito escolar.

Vocês pais que estão lendo tal desabafo de uma profissional, me desculpem a sinceridade, mas em anos de experiência nunca vi uma área para ser tão “palpitada” como a educação, cada um de nós estudamos para executar nossa profissão, não vejo pessoas de outras áreas dizerem como um médico deve fazer uma cirurgia, como um jornalista deve editar suas matérias e como um engenheiro deve fazer a planta da sua obra e porque todas as outras pessoas de distintas áreas se sentem no direito de vim falar como professores devem dar aula e como a escola deve se organizar, se sentindo no direito de quebrar regras ao ponto de fazerem crianças pularem de fases.

Falando em realidade, o número crescente de escolas privadas vem aumentando de forma alarmante nas últimas décadas e com isso a guerra entre elas para conquistar alunos também. Com essa informação quero deixar claro que muitas escolas permitem certas coisas por medo de perder um cliente (aluno). Assim, dando abertura para “palpites” que se contradiz com a proposta da escola, aceitando as imposições que vão de encontro com o correto e firmando um acordo de, por exemplo, a criança pular de série. Em alguns desses estabelecimentos os pais são obrigados a assinarem um termo de responsabilidade se comprometendo pelo os danos que podem ser causados a criança isentando a escola de



qualquer responsabilidade. Ou seja, a escola é conhecedora do malefício que pode causar, mas para não perder um cliente permite, mesmo que se resguardando judicialmente.

Costumo dizer que nós adultos podemos marcar a vida de uma criança positivamente ou negativamente. E a postura dos pais e profissionais diante dessa situação irá marcar para sempre a vida da criança que como um objeto é transferido de um lugar para outro sem a menor consideração. Porém só o tempo dirá de que forma elas foram marcadas.

Assim como nas famílias, comparação também existe no âmbito escolar. Em salas de aulas professores esperam obter da turma o mesmo desenvolvimento pelo fato da turma ter a maioria dos alunos com a mesma idade. Portanto, nem em casa com filhos criados da mesma forma teremos os mesmos comportamentos como também professores com alunos da mesma idade não terão homogeneidade de conhecimentos na turma.

E quando na turma tem uma criança que pulou a série anterior? Essa necessita de um olhar diferenciado, porém, o professor é obrigado a exigir dela tudo que é requisito daquele ano, para que a mesma se adéque ao nível e possa responder satisfatoriamente aos conteúdos pré estabelecidos.

No dia a dia muitos pais abordam professores questionando se seu filho faz tudo que os outros da turma conseguem fazer e se tem algo que ele não consegue que todos os outros já estão conseguindo fazer. Perceba que a preocupação não é o desenvolvimento significativo do filho e sim se ele é igual aos outros.

Quando a criança demonstra um elevado conhecimento em relação a crianças da mesma idade, às vezes em um único aspecto, os pais decidem passar para série seguinte deixando de lado todos outros aspectos que permeiam o aprendizado desconsiderando o tempo de cada pessoa, isso acarretará prejuízos que veremos a seguir quando as mesmas deixam de ser protagonistas e passam a ser coadjuvantes.

### CAPÍTULO III

#### 4. COMPREENSÃO DO SER: A CHAVE PARA O RESPEITO “AO TEMPO DE CADA UM”

Para finalizar vamos refletir, buscando compreender o ser e sua singularidade. Para que as pessoas que convivem diretamente tanto no ambiente escolar como familiar, possam tomar consciência sobre o respeito ao tempo de cada um.

##### 4.1. Inversões de Papéis (protagonistas x coadjuvantes)

Ao falar de protagonistas, coadjuvantes me vem a mente uma novela, uma peça teatral, um filme, onde encontramos personagens marcantes que ao assistir já começamos a nos identificar e a nos encontrar na história. Entre tantos personagens também existem aqueles que têm poucas participações, aqueles figurinistas e até mesmo aqueles que passam despercebidos.

- Como você se vê na grande história da sua vida?

- Qual papel é o seu?

Pois mesmo na nossa própria história de vida não somos protagonistas ou talvez já fomos e não somos mais.

Ao observarmos as crianças nos diferentes contextos percebemos que entre elas existem personalidades marcantes que traçam o perfil de acordo com o momento. Assim, encontramos crianças passivas, ativas, líderes, protagonistas e coadjuvantes.

Existem crianças que não se permitem nem mesmo na brincadeira pegar um papel que não seja o principal, demonstrando assim o quanto confiante a criança se sente em ser a protagonista.

No universo escolar iremos perceber a sala de aula como um grande palco, onde ocorrem as peças que são os aprendizados e que estrelam as crianças em que teremos personagens **protagonistas e coadjuvantes**. Em um exemplo veremos a distinção entre os dois papéis:

A criança que apesar de estar na faixa etária correta de determinada série, mas se destaca dos demais por demonstrar muita facilidade em aprender e aparentemente ser mais inteligente, é vista no papel de **protagonista**, pois, com sua alta estima elevada transborda em atitudes tal incorporação do papel principal, querendo sempre citar exemplos, relatar experiências e ajudar a professora e os amigos sendo o destaque da turma.

Essa mesma criança que demonstra confiança e autonomia por se sentir “superior” aos demais, imaginamos que no próximo ano não mais acompanhará essa turminha da qual ela se sentia a principal, pois, seus pais por perceberem tal desenvoltura e aptidão para a aprendizagem decidiram que a mesma deveria ser adiantada e pular a série seguinte, afinal, segundo eles a criança estava perdendo tempo.

Assim, o palco já era outro pra essa criança a peça não tinha mais tanto sentido como antes, e o papel de protagonista que lhe dava tanto orgulho de exercer já não lhe pertencia, passando a ser uma **coadjuvante** que não mais tira dúvidas dos amigos por não ter domínio do novo, não mais cita exemplos por não ter certeza se são cabíveis e não mais relata suas experiências por não saber se será interessante para os demais que são mais velhos.

A inversão de papéis irá mexer com o emocional, e a maneira como essa criança se perceberá irá influenciar diretamente na autoestima e conseqüentemente na aprendizagem, fazendo com que ela se feche, se torne insegura e passe a apresentar dificuldades em se relacionar e na aprendizagem.

Portanto, pais e profissionais respeitem as fases e o tempo de cada criança, permitindo que elas vivam uma etapa de cada vez, permanecendo como protagonistas da própria história.



#### 4.2. Diferença entre Crianças “Inteligentes” e Superdotadas

Nos diversos contextos encontramos crianças que se destacam pela maneira como falam, interagem e se colocam em determinadas situações. Remetendo-nos aquela antiga visão de que são miniaturas de adultos.

Crianças que amadurecem emocionalmente de forma acelerada, deixando de lado coisas da fase e se apegando ao universo adulto. Como também avançam intelectualmente pelos estímulos externos ao qual é exposta.

Porém, ver crianças nos dias atuais inteligentes acima da média para a idade cronológica nos leva a interpretar como crianças que tenham altas habilidades e considerá-las superdotadas.

Devemos estar cientes que com a modernidade e a exposição cada dia mais forte a tecnologia as crianças irão evoluir de maneira avassaladora. Assim, desde os primeiros meses de vida podem surpreender os adultos com determinadas atitudes, fazendo com que se vejam diante de crianças superdotadas.



É compreensível tanto as ações das crianças como também as reações dos adultos. O fato é que existem crianças muito inteligentes e crianças superdotadas e sem dúvidas há diferenças entre elas.

Porém, para ter certeza que se trata de uma criança superdotada é necessário um laudo que comprove isso, dado por um psicólogo especializado em superdotação/altas habilidades e fazer uma avaliação completa. Avaliação esta que consiste em etapas qualitativas, com análise de aspectos emocionais, de personalidade, físico, quantitativas, com testes em habilidades mais específicas. Visto que este também está inserido no contexto da educação especial.

Todas as crianças superdotadas são consideradas super inteligentes, indivíduos brilhantes e geniais e não o inverso. Ou seja, crianças super motivadas que no dia a dia demonstram ser inteligentes, geniais e brilhantes não são necessariamente crianças superdotadas com altas habilidades. Assim, é inteligente quem utiliza estratégias e escolhe a melhor saída ou a melhor resposta para o desafio proposto, tal entendimento indica que temos a capacidade de aprofundarmos na compreensão das coisas por meio da seleção de estratégias (Antunes, 1999).

Segundo Barret (1992), citado por Costa (2008), inteligência é “o resultado de todas as funções do cérebro humano, sendo considerado um conjunto que trabalha de forma harmônica ou seja, a combinação da energia física, emocional, mental e espiritual”. , Então, com base em relatos de profissionais e familiares, vamos observar alguns pontos que nos ajudam a diferenciar a inteligência e a superdotação. Portanto, é importante ressaltar que não necessariamente uma pessoa deve apresentar todos os pontos para ser considerado, em ambos os casos. (ANEXO III)

**A criança superdotada** - uma característica forte é o perfeccionismo que impede de concluir muitas vezes tarefas por medo da avaliação dos outros e por temerem decepcioná-los. Assim, elas podem chegar a obter notas baixas e serem vistas inicialmente como crianças pouco inteligentes. Pois, a criança apesar de ser superdotada, nem sempre é emocionalmente madura. Por essa razão, a mesma deve ter um acompanhamento diferenciado por parte de pais, professores e profissionais para que as suas altas habilidades não se tornem um castigo para ela mesma. Pois, facilmente essas crianças se desmotivam na sala de aula porque os programas de estudos convencionais estão abaixo de suas expectativas, sendo necessária adaptação curricular para atender as necessidades dessas crianças que é de sempre ir além.

A atenção aos alunos Superdotados torna-se importante para o desenvolvimento de suas potencialidades, uma vez que, bem trabalhadas e exploradas, têm a possibilidade de contribuir significativamente para a geração de novas fontes de conhecimento, novos caminhos e novos modelos sociais, o que poderá se tornar fator intrínseco à escrita das páginas que irão compor o livro que registrará a história dos novos tempos (Costa, 2008).

**A criança inteligente** – apresenta uma imensa facilidade em buscar estratégias para lidar com o novo, sempre apresentando maneiras eficazes de solucionar desafios, com as melhores respostas. Portanto, nem toda criança que atinge notas acima do esperado para seu nível ou ler precocemente são superdotadas, algumas são apenas excepcionalmente esforçadas e motivadas, sendo assim, muito inteligentes. O que provavelmente ocorreu na verdade, é que o cérebro se desenvolveu um pouco mais rápido do que o cérebro das demais crianças com mesma idade cronológica. Porém, só o tempo será capaz de responder se futuramente tal criança irá continuar surpreendendo sendo superior ou se passará a aprender no mesmo ritmo das outras crianças.

#### *4.2.1. Como trabalhar com essas crianças super inteligentes?*

No decorrer da vida iremos, identificando-nos com alguns assuntos e assim criando afinidades com certas áreas. Isto significa que apesar do indivíduo não possuir as características de uma criança superdotada, futuramente ele poderá se dedicar a uma determinada área, na qual seja considerado um grande e brilhante gênio.

As crianças “super inteligentes” são facilmente identificadas por se destacarem dos demais colegas de classe, devido à facilidade da aquisição do novo. Porém, o trabalho deve ser diferenciado tanto por parte da família como da escola.

Estudo de caso:

Há uns três anos atrás eu tive um aluno assim (super inteligente), e no meu olhar de professora confesso que não foi fácil ter uma criança na sala de aula que antecipava minha fala, respondia a todas perguntas sem dar tempo para os colegas pensarem e ainda dava as respostas prontas para os amigos só pra mostrar que já chegou ao resultado, entre outras atitudes.

Percebi que a turma não estava conseguindo progredir com alguém antecipando o processo, enquanto eu estava mostrando que a palavra BONECA, tinha 6 letras, 3 sílabas e convidando a turma a dizer o nome de cada letra e de cada sílaba após a junção das mesmas, o tal garoto de forma compulsiva já dizia a leitura integral da palavra. No treino ortográfico ao ditar uma palavra, ele sempre dizia: – *Ah, essa palavra é fácil demais!* e soletrava em voz alta para que todos pudessem confirmar que ele sabia. Assim, também acontecia na matemática, quando eu realizava a leitura do problema, (Ana tem 5 bolas, ganhou mais 6. Com quantas ela ficará?) e aquela voz imediata já dizia: - *11 bolas com certeza.* Sem me dar oportunidade de concluir o problema.

No início, tentei ignorar a situação, porém, cada vez mais se tornava intensa a necessidade desse garoto ter um trabalho diferenciado para que ele pudesse evoluir e também para que ele deixasse a turma progredir, então, utilizei a seguinte estratégia levei uma caixa decorada e pedi para que eles colocassem dentro dela algo que eles já sabiam fazer como amarrar o tênis sozinho, pentear o cabelo, fazer as tarefas sem ajuda e assim por diante. No final, eu disse que cada um possuía uma caixa dessa, chamada **caixinha do conhecimento**, onde tudo que aprendia de novo era guardado nela e que essa caixa era justamente a cabeça de cada um. Assim, para a caixa ficar cheia de coisas novas a pessoa tem que se esforçar para descobrir e consequentemente guardá-las.

Quando ia realizar o treino ortográfico eu ditava a palavra PATO e já enfatizava em voz alta que havia caixinhas que já tinham guardada essa palavra e que era só levantar a mão

que eu iria até a cadeira falar uma palavra mais difícil. Com isso, eu amenizei a ansiedade dele e no final como ele era sempre o primeiro a terminar iria passar de cadeira em cadeira ajudando aos amigos sem entregar as respostas prontas.

Para a turma também foi positivo, os amigos que antes almejavam pela resposta pronta, já não aceitava mais, pois, temiam não encher a caixinha do conhecimento.

O garoto notoriamente mais inteligente, também errava e quando isso acontecia se mostrava frustrado por sempre achar que tinha que acertar tudo e por meio de diálogos e contextualizações dos conteúdos de forma dinâmica, ele passou a perceber que era sujeito em processo de construção e que não era conhecedor de tudo e assim, se tornou um parceiro no processo, sendo valorizado por suas capacidades e habilidades.

Ele não era uma criança superdotada ele apenas era estimulado demais pela família, se destacava em algumas coisas e outras não como qualquer ser humano. Não tinha maturidade para aceitar os erros que cometia e tinha muita dificuldade para ser corrigido. Ele estava no primeiro ano do fundamental, porém, ao iniciar o ano já lia e escrevia frases e também tinha um bom raciocínio lógico, o que o destacava dos demais colegas, com o decorrer do ano, a dificuldade foi aumentando e quando chegamos a etapa de ler textos e interpretar e construir histórias partindo do próprio repertório, percebi que ele começou a se igualar com a turma, pois, era algo novo até mesmo para o mesmo.

A família em momento algum se pronunciou a respeito de pular o garoto de série, porém, imagine se no primeiro contato observando sua aptidão para o aprendizado, eu como profissional tivesse alertado e influenciado os pais a tomarem tal atitude, estaria cometendo um erro absurdo, afinal, ele era inteligente para a etapa que estava vivenciando.

O que cabe a mim como profissional e o que foi feito, foi fazer algumas observações para a família sem alarmar, informando que o filho era bastante inteligente e que o nível das atividades seriam um pouco mais elevadas, para que o mesmo não viesse a se entediar no âmbito escolar.

A família me questionou se o garoto era superdotado, e como uma profissional ética não emiti minha opinião, pois, não é da minha alçada como professora diagnosticar, cabe a um profissional competente da área. Então, sugeri que a família procurasse um profissional especialista e tirasse todas as dúvidas.

E como eu suspeitava o menino passou pela avaliação e realmente não era superdotado e foi dada continuidade ao trabalho com o olhar aguçado as suas necessidades, o motivando a sempre ir além das suas expectativas.

Não estou eu aqui, lhe dando uma receita de bolo que deve ser seguida a risca. Estou lhe dando um exemplo de minha experiência que deu certo. Sabemos da individualidade de cada caso e tanto a família como os profissionais devem respeitar cada indivíduo na sua particularidade.

De uma coisa tenhamos certeza, no fundo “nós profissionais” ou “nós pais”, queremos o melhor para nossos pequeninos e buscar compreender o ser de forma integral, é a chave para haver o respeito ao *tempo de cada um*.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Auto avaliação, é o convite que se propõe, na conclusão deste trabalho, para todos aqueles envolvidos de maneira direta/ indireta com uma criança, tanto no ambiente escolar como familiar.

Tal avaliação é no sentido de refletirmos sobre nossa postura como pais e profissionais e o peso que a nossa influência tem na vida de crianças, que são seres singulares dotados de desejos, fantasias e encantamentos. Seres estes que apresentam um ritmo e um tempo único para a aquisição do novo. Assim, com “simples e bruscas” atitudes podemos marcar a vida de crianças e mudar o curso de sua história, positivamente ou não.

Sabemos que trabalhar com crianças “inteligentes” no ambiente escolar e conviver com elas no contexto familiar é um desafio constante, além de muito prazeroso, sendo necessário propostas alternativas que contemplem, as suas potencialidades, para que o prazer em aprender seja uma constante e não simplesmente tentar resolver e conduzi-la a um degrau mais alto que sua capacidade no momento.

Portanto, faz-se necessário entender o quão complexo é algumas aquisições que aparentemente são simples e fáceis no processo de aprendizagem. E o presente trabalho de maneira clara e objetiva nos apresenta a importância de compreendermos que a criança precisa estar de fato preparada cognitivamente e emocionalmente para adquirir conhecimento e por ele ser exigida, trata-se de um amadurecimento natural e único de cada ser.

Por fim, O TEMPO DE CADA UM é uma incógnita que apenas deve ser respeitado em suas particularidades. Concluo acreditando que possamos refletir e nos tornar facilitadores e não determinantes no processo de aprendizagem de cada ser.

## 6. REFERÊNCIAS

- Almeida, I. L. (2013). Aprendizagem e Desenvolvimento da Criança Segundo as Teorias de Vygotsky. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/aprendizagem-e-desenvolvimento-da-crianca-segundo-as-teorias-de-vygotsky/115495/>
- Ana Alvarez, A. & Lemos I. C. (2006). Os neurobiomecanismos do aprender: a aplicação de novos conceitos no dia-a-dia escolar e terapêutico. Rev. psicopedag. 23 (71). Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-8486200600020001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-8486200600020001)
- Bock, A.; Furtado, O. & Teixeira, M. T. (2001). Psicologias, Uma Introdução ao Estudo de Psicologia, 13º edição, Ed. Saraiva.
- Casarim, N. E. F. (2007). Família e Aprendizagem Escolar. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Ferrari, M. (2011). Frases de Emilia Ferreiro. Revista Escola. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/emilia-ferreiro-306969.shtml>
- Ferreira, S. H. A. & Barreira, S. D. (2010). Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil. Psico, 41(4), pp. 462-472.
- Ferreiro, E. (2008). Alfabetização em foco. Disponível em: <http://www.xn--alfabetizacaoemfoco-hqb9e.pro.br/2008/07/processo-de-aquisio-da-leitura-e.html>
- Freitas, L. C. (2003). Ciclos, Seriação e Avaliação- confronto de Lógicas. São Paulo: Moderna.
- Hamze, A. (2009). O que é aprendizagem? Revista Brasil Escola. Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>
- Horta, M. F.; Young, J.D. E. (1999). Apoptose - quando a célula programa a própria morte. Revista Ciência Hoje, São Paulo, v.25, n.150, PP 38-45.
- Pinheiro, M. (2007). Fundamentos de Neuropsicologia - O Desenvolvimento Cerebral da Criança. Vita et Sanitas, 1(1).
- Reed, U. C. (2005). Desenvolvimento normal do sistema nervoso central. Cap. 21. In: NITRINI.
- Rose, S. (1984). O cérebro consciente. São Paulo: Alfa-Omega. Coleção Ciência Aberta, v.1.
- Santos, C. L. (2009). Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/maduro/>

Speroni, K. S. (2010). Reflexões a cerca do processo de leitura e escrita: compreender para transformar o ensino. [P@rtes.V.00](#) p.eletrônica. Disponível em [www.partes.com.br/educacao/processodeleituraeeescrita.asp](http://www.partes.com.br/educacao/processodeleituraeeescrita.asp)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me iluminou, me deu forças e me sustentou durante esta longa e gratificante caminhada.

A minha família, pelo apoio durante todo o tempo, em especial a minha filha Sarah Evellyn que é minha maior inspiração para ir sempre além, minha mãe Aglay que sempre me apoiou e esteve ao meu lado, minha tia Anita por suas orações e motivação e aos meus irmãos Kennedy e Kennysse pelo incentivo, força e confiança que me deram.

A minha orientadora a Prof. Dra. Carla Moita Minervino, pela sua ajuda, carinho e dedicação para comigo na construção deste trabalho, e ainda por ser um exemplo, não só de profissional, mas também de pessoa e por me proporcionar tanto conhecimento durante a caminhada acadêmica.

Ao corpo docente do curso de Psicopedagogia, que me acompanharam durante a graduação, por ter contribuído de forma considerável para construção de conhecimentos durante todo o curso.

Aos meus colegas de sala, pela companhia, companherismo, incentivo e apoio constante.

## ANEXOS

## ANEXO I

**Tabela 2** – Estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget.

<b>Estágio</b>	<b>Idade aproximada</b>	<b>Capacidades</b>
Sensório-motor	0 a 2 anos	Conhecimento do mundo baseado nos sentidos e habilidades motoras. No final do período, emprega representações mentais
Pensamento pré-operatório	2 a 6 anos	Uso de símbolos, palavras, números para representar aspectos do mundo. Relaciona-se apenas por meio de sua perspectiva individual. O mundo é fruto da percepção imediata
Pensamento operatório-concreto	7 a 11 anos	Aplicação de operações lógicas a experiências centradas no aqui agora. Início da verificação das operações mentais, revertendo-as e atendendo a mais de um aspecto
Pensamento operatório-formal	Adolescência em diante	Pensamento abstrato, especulação sobre situações hipotéticas, raciocínio dedutivo. Planejamento, imaginação

**Fonte:** Revista Psicopedagogia

1- Fase pré – silábica	2- Fase silábica	3- Fase silábica-alfabética	4- Fase Alfabética	5- Fase Alfabética-ortográfica
CARACTERÍSTICAS				
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sabe que a escrita é uma forma de representação;</li> <li>- Pode usar letras ou pseudoletas, garatujas, números;</li> <li>- Não compreende que a escrita é a representação da fala;</li> <li>- Organiza as letras em quantidade ( mínimo e máximo de letras para ler);</li> <li>- Vai direto para o significado, sem passar para sonora;</li> <li>- Variação de letras – BLSIK (elefante);</li> <li>- Relaciona o tamanho da palavra com o tamanho do objeto (Realismo Nominal).</li> </ul>	<p>A) <u>Silábica Sem valor sonoro</u>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ainda não faz relação do som com a grafia da letra que utiliza;</li> <li>- A escrita ainda não é percebida como representação da fala;</li> <li>- Usa uma letra para representar cada sílaba, sem se preocupar com o valor sonoro.</li> </ul> <p>B) <u>Silábica Com valor sonoro</u>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A escrita começa a representar a fala;</li> <li>- Percebe a relação de som com a grafia;</li> <li>- Escreve uma letra para cada sílaba.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta escrita algumas vezes com sílabas completas e outras incompletas;</li> <li>- Alterna escrita silábica com alfabética.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Faz a correspondência entre fonemas (som) e grafemas (letras);</li> <li>- Ainda não domina as normas ortográficas da língua;</li> <li>- Escreve como fala.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Faz a correspondência entre letras e grafemas da língua;</li> <li>- Amplia o conhecimento sobre as normas ortográficas;</li> <li>- Faz a correção do seu próprio texto.</li> </ul>
EXEMPLOS				
-	<p>A) MACACO __ BPS CAVALO __ BUP</p> <p>B) PATO __ AO ( valor sonoro só nas vogais )</p> <p>PATO __ PT ( só usa consoantes)</p>	<p>CAMELO ____ CAMU TOMATE ____ TOMT</p>	<p>CAMELO ____ KAMELU TOMATE ____ TUMATI</p>	<p>JARDIN ____ JARDIM CORREO ____ CORREIO CABESA ____ CABEÇA ISO ____ ISSO</p>

Fonte: Alfabetização em foco. Disponível em: <http://www.xn--alfabetizaoemfoco-hqb9e.pro.br/2008/07/processo-de-aquisio-da-leitura-e.html>

## ANEXO II

### A estrutura Curricular e seus Eixos Norteadores para a Educação Infantil

#### IDENTIDADE E AUTONOMIA

Busca possibilitar a formação da criança a partir das relações sócio-histórico-cultural, de forma consciente e contextualizada, oferecendo condições para que elas aprendam a conviver com os outros, em uma atitude básica de respeito e confiança. O trabalho educativo pode, assim criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e resignificarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais. A identidade é um conceito de distinção, a começar pelo nome. A autonomia é a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprias, levando em conta regras, valores. Identidade e autonomia é resultado da construção do próprio cotidiano em sala de educação infantil, onde a criança necessita estar conhecendo, desenvolvendo e utilizando seus recursos pessoais e naturais, para fazer frente às diferentes situações que surgirão.

#### CONHECIMENTO DE MUNDO

Refere-se à construção das diferentes linguagens pelas crianças e as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento. É importante que tenham contato com diferentes áreas e sejam instigadas por questões significativas, para observá-los, explica-los se tenham várias maneiras de compreendê-los e representá-los. As diferentes linguagens propiciam a interação com o outro, emoções e a mediação com a cultura.

#### MOVIMENTO

As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo. Ao movimentar-se, expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço.

As maneiras de andar, correr, arremessar, saltar resultam das interações sociais e da relação dos homens com o meio; são movimentos cujos significados têm sido construídos em função das diferentes necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas presentes nas diferentes culturas. Diferentes manifestações dessa linguagem foram surgindo, como a dança, o jogo, as brincadeiras, mas práticas esportivas etc., nas quais se faz uso de diferentes gestos, postura e expressões corporais com intencionalidade. Ao brincar, jogar, imitar e criar



ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas.

O trabalho com movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças; refletir sobre as atividades no cotidiano acerca das posturas corporais.

As atividades deverão priorizar o desenvolvimento das capacidades expressivas e instrumentais do movimento, possibilitando a apropriação corporal pelas crianças, de forma que possam agir com mais intencionalidade. Devem ser organizadas num processo contínuo e integradas, que envolvam múltiplas experiências corporais.

Os conteúdos podem ser organizados em:

- Expressividade

Expressão Corporal;

Percepções.

- Coordenação e Equilíbrio

Coordenação Ampla;

Coordenação Fina e Coordenação Viso-Motor.

### ARTES VISUAIS

A arte visual; expressa, comunica e atribui sentido as sensações sentimentos pensamentos. Esta linguagem se faz presente no cotidiano da educação infantil como importante forma de expressão e comunicação humana, sofrendo influência da cultura onde está inserida. A criança, ao ingressar na instituição de ensino, traz consigo suas leituras de mundo pelas imagens. Dessa maneira, trabalhar a arte como geradora de conhecimentos dentro do contexto infantil e, portanto, portadora de um caráter lúdico, torna-se importante instrumento para o desenvolvimento perceptivo e cognitivo.

Neste sentido, a arte visual deve se estruturada como uma linguagem de códigos próprios e seu ensino devem articular os seguintes aspectos.

Produção: exploração e expressão, por meio da prática artística, desenvolvendo um percurso poético pessoal.

Apreciação: reconhecimento, análise e identificação de obras artísticas e de seus autores.

Reflexão: compreende a obra artística como produto cultural, possibilitando diversas interpretações.

Seus conteúdos:

Fazer Artístico

Elementos da linguagem visual

Leitura de Imagens

Trajetória Artística

Poética (estilos)

- Música

A música é uma organização de sons presentes em diversas culturas, compreendidas como linguagem que traduz formas sonoras expressivas de sentimentos, pensamentos e sensações. Favorece nas crianças a aquisição de conhecimentos gerais e científicos, desenvolvendo potencialidades, como: observação, percepção, imaginação e sensibilidades, contribuindo para a sustentação de valores normas sociais. É imprescindível que a música faça parte do currículo, no processo ensino aprendizagem. Escutando, cantando, tocando instrumentos e articulando movimentos. Para a aquisição da linguagem musical se concretizar, são necessárias ações que envolvam o fazer, o perceber o contextualiza. Esta linguagem contempla:

- Apreciação Musical

Propriedades e qualidades do som.

Gêneros musicais, estilos musicais e elementos musicais.

- Fazer Musical

## LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

É de grande importância na formação da criança e nas diversas práticas sociais. É importante considerar a linguagem como um meio de comunicação, expressão, representação, interpretação e modificação da realidade. Promover experiências significativas de aprendizagem. O convívio com a linguagem oral e escrita deve ser compreendido como uma atividade da realidade, considerando que as crianças são ativas na construção de seu conhecimento. Para que ocorra um desenvolvimento gradativo é preciso que as capacidades associadas estejam ligadas as competências lingüísticas básicas (falar, escutar, praticar leituras e escritas), que serão trabalhadas de forma integrada, diversificada abrangendo vários conteúdos :

Textos de diversos gêneros ( narrativos, informativos e poéticos );

Compreensão e interpretação de textos;

Ampliação do vocabulário;

Produção de texto oral e escrito;

Função social da escrita;

Evolução da escrita na humanidade;

Representação gráfica com diferentes tipos de letras e alfabetos;

Diferentes funções da escrita; lazer, identificação, registro, comunicação, informação e organização do pensamento.

Nesta perspectiva, a linguagem oral e escrita deve estar presente no cotidiano e na prática das instituições de educação infantil.

Assim, a linguagem não é um elemento “estático” nem “objetivo”, mas uma construção dinâmica, onde as pessoas se comunicam para informar, expressar seus sentimentos e idéias e compartilhar uma visão de mundo.

## NATUREZA E SOCIEDADE

A percepção do mundo físico é direta: elas testam o que sabem, tocando, ouvindo, observando, elaborando hipóteses e procurando respostas às suas indagações. A atitude

científica merece ser estimuladas por intermédio da observação, experimentação, manipulação e enriquecidos com conversas e ilustrações. As crianças adquirem consciência do contexto em que vivem e se esforçam para entendê-lo, por meio da interação com o meio natural e social.

Conhecer o mundo implica conhecer as relações entre os seres humanos e a natureza, as formas de transformações e utilizações dos recursos naturais, a diversidade cultural. Desta forma, as crianças adquirem condições de desenvolver formas de convivências, atitudes de polidez, respeito, cultivando valores sociais, intelectuais, morais, artísticos e cívicos, O professor precisa se interar destes domínios e conhecimentos. O importante será a descoberta.

Natureza e Sociedade reúnem aspectos pertinentes ao mundo natural e social abordando:

- Grupos Sociais

A criança e a Família

A criança e a Escola

A criança e o Contexto Social

- Seres Vivos

Seres Humanos, animais e vegetais.

- Recursos Naturais

Água, solo, ar, luz, astros e estrelas.

- Fenômenos da Natureza

Marés, trovão, relâmpagos, enchentes, estações do ano e outros.

### PENSAMENTO LÓGICO-MATEMÁTICO

A matemática é uma forma de pensar e organizar experiências ela busca a ordem e o estabelecimento de padrões, que requer raciocínio e resolução de problemas. As crianças estão imersas em um universo no quais os conhecimentos matemáticos fazem parte elas vivem em um mundo que experimentam o muito o grande o pequeno e o acabou. Trazem consigo um entendimento intuitivo dos processos matemáticos e de resolver problemas. O professor deve encorajar a exploração das idéias matemáticas relativas a números, estatística, geometria e medidas, fazendo com que as crianças desenvolvam o prazer e a curiosidade pela

matemática no seu processo de desenvolvimento a criança vai criando várias relações entre objetos e situações por ela vivenciadas. Estabelecem relações cada vez mais complexas que lhe permitirão desenvolver noções mais elaboradas.

A matemática abrange os seguintes conteúdos:

- Número

Função social do número;

Noções de quantidade;

Sistema numérico;

Inteiros;

Noção de números fracionários.

- Geometria

Plana

Bidimensional

Espacial

Tridimensional

Medidas de grandeza (padronizadas e não padronizadas)

Medidas de tempo

Medidas de massa

Medidas de comprimento

Medidas de velocidade

Medidas de capacidade

- Sistema monetário

- Estatística

**Fonte:** Proposta Curricular para a Educação Infantil, publicado em Educação, Educação Infantil, Legislação Educacional por Pedagogia ao Pé da Letra. (2013).

### ANEXO III

Tabela comparativa entre um indivíduo inteligente e outro superdotado:

INTELIGENTE	SUPERDOTADO/ ALTAS HABILIDADES
Aprende a ler mais cedo, porém, com motivação externa.	Aprende a <u>ler</u> e escrever mais cedo e geralmente sozinha antes mesmo de entrar na <u>escola</u> .
Tem amplo vocabulário.	Possui um rico e contextualizado vocabulário para sua idade.
Faz relações entre as coisas já conhecidas por meio de pensamento lógico.	Constrói facilmente relação entre as coisas que não são óbvias nem mesmo para os adultos. Exibindo uma capacidade de pensamento abstrato elevado.
Aprende facilmente. Sabe as respostas e responde as perguntas.	Demonstra ficar entediado. Já conhece as respostas. Então, faz perguntas e questiona as respostas.
É interessado e sempre gosta de concluir um projeto.	É extremamente curioso e sente prazer mais no processo do que no resultado do produto.
Trabalha e estuda bastante. Procura soluções claras e rápidas.	Envolve-se física e mentalmente. Explora o problema profundamente.
Presta atenção e é bom em memorizar.	Atenção concentrada e muito Bom em adivinhar e fazer suposições.
Gosta de companheiros da mesma idade e é satisfeito consigo mesmo.	Prefere se relacionar com crianças mais velhas e com adultos e é altamente crítico consigo e com outros.
Ouve atenciosamente e compreende rapidamente.	Mostra opiniões determinadas e é extremamente intuitivo.

**Fonte:** Observações e experiências vivenciadas em sala de aula.